

MEDIAÇÃO CULTURAL NA ESCOLA: A DANÇA EM FOCO

*Isleide Steil
Carla Carvalho*

Resumo

Esta pesquisa tem como foco a mediação cultural no contexto do ensino da dança nas escolas de Educação Básica. Foi realizada numa escola privada no município de Itajaí, SC. Tem como objetivo reconhecer como as crianças percebem a mediação cultural no processo de formação estética e artística nas aulas de dança. É uma pesquisa de abordagem qualitativa, baseada na Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA) e tem como recurso para coleta de dados a arte no seu processo de elaboração de dados Dias e IRWIN (2013). Utilizou para processo o registro em diários individuais pelas crianças que participam das aulas. Utiliza como aporte teórico Marques (2003, 2012, 2014), Coutinho (2009), Darras (2009, 2013, 2014), Martins (2005) e Martins, Picosque e Guerra (2010). Os dados indicam a mediação acontece por meio da relação da dança com a vida do aluno e outras artes ou disciplinas. Este processo acontece por meio do corpo, da exploração e descobrimento de novos movimentos. Por fim que a mediação acontece por meio da apreciação, criação e apresentação de uma coreografia.

Palavras chave: dança na escola; mediação cultural; PEBA.

Introdução

Este artigo trata da dança contemporânea no contexto da Educação Básica. Observamos que de forma geral a dança está no contexto da educação Básica por meio de projetos de contraturno ou nas aulas de educação física. Nem sempre estas atividades são percebidas como Arte com linguagem própria e com reflexões que partem da relação da criança com seu corpo, com o corpo do colega e ainda na relação entre espaço e tempo que são dinâmicos no movimento. Objetivou-se este tema pois compreende-se que dança contemporânea no âmbito do ensino básico se deu pela possibilidade de desenvolver o corpo como um todo, em seus aspectos motores, sociais, criativos e intelectuais. A dança contemporânea possibilita ao educando a ampliação das concepções de corpo, a conscientização das possibilidades de movimento, diferentes interações com os colegas e, principalmente, de propiciar uma nova visão das relações pessoais e de mundo.

A dança proporciona o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos que possibilitam o aluno expressar mais facilmente suas ideias e sentimentos, possibilita ressignificar seu corpo enquanto “indivíduo” e “ser social”. Quando trabalhada na escola, a dança não deveria priorizar a técnica, muito menos movimentos prontos trazidos pelo professor, mas sim, buscar em cada aluno seu repertório individual fazendo-o pesquisar, explorar, criar e pensar através do movimento. Para Marques (2003, p.23) “a escola teria, assim, o papel não de “soltar” ou de reproduzir, mas sim de instrumentalizar e de construir conhecimento em/por meio da dança com seus alunos, pois ela é forma de conhecimento, elemento essencial para a educação do ser social.”

O histórico das aulas de dança em ambientes de ensino formal é caracterizado por um método de cópia, onde o aluno copia os movimentos e as sequências que o professor mostra, o professor é o modelo que deve ser copiado. Nesse contexto, a maior contribuição dessa aula são nos aspectos motores, aspectos estes, que podem ser trabalhados na aula de educação física. A dança tem a capacidade de aprofundar os conhecimentos dos alunos, principalmente em relação a conscientização corporal, percepção de movimento, relações sociais, produção de novos conhecimentos que contribuem para a formação estética do educando. O professor precisa buscar a melhor forma de mediar a relação entre a dança e o aluno, e de extrair todo o potencial criativo e perceptivo dos participantes.

Assim, ao pensar a dança, atualmente, no contexto da educação nos traz reflexões acerca de como a mediação cultural é trabalhada na escola. Como o professor promove a mediação entre a dança e a criança? Qual a importância da dança no processo de formação estética e artística do aluno na educação básica?

A partir desse contexto, levantamos a seguinte questão: **Como as crianças percebem a mediação cultural no processo de formação estética e artística nas aulas de dança?** Esse estudo teve como objetivo reconhecer como as crianças percebem a mediação cultural no processo de formação estética e artística nas aulas de dança

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada numa escola privada do Município de Itajaí, SC, pois observou-se que neste contexto aconteciam aulas de dança contemporânea no período contraturno escolar. Para definição dos sujeitos da pesquisa teve como requisito básico, que os mesmos frequentassem aulas de dança na referida escola. O grupo de dança era constituído por 14 alunas, e todos os pais concordaram que suas filhas participassem da pesquisa.

A aula de dança era oferecida para as turmas do ensino fundamental I, ou seja, para alunos do 1º ao 5º ano, porém sendo aulas extracurriculares não tem a obrigatoriedade da participação de todos os educandos. Nesse contexto o referido estudo teve como sujeito crianças do segundo ao quarto ano, sendo 6 do 2º ano, 6 do 3º ano, e 2 do 4º ano.

PESQUISA EDUCACIONAL BASEADA EM ARTE (PEBA)

Definir a metodologia a ser aplicada em uma pesquisa é um processo indispensável para que a investigação ocorra de forma coerente e com qualidade. Torna-se importante pensar qual a metodologia mais apropriada a ser aplicada na pesquisa a ser desenvolvida, estando esta, de acordo com a questão em estudo.

A Pesquisa Educacional Baseada em Arte é uma metodologia que tem como recurso para coleta de dados a arte no seu processo de pesquisa qualitativa, sendo emergente das pesquisas nas Ciências Sociais e Ciências Humanas. (DIAS, IRWIN, 2013).

Metodologias de pesquisas baseadas em arte veem para buscar algo além do que as pesquisas tradicionais alcançam. Por vezes, as pesquisas tradicionais podem não se adequar aos estudos que tem a arte em questão. A Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA) é uma dessas metodologias, a qual não tem como objetivo a infalibilidade, mas a ampliação da compreensão dos indivíduos, o que a torna diferente de métodos tradicionais que buscam explicar e prever resultados. (IRWIN, 2013)

A PEBA envolve alunos, professores e pesquisadores utilizando a arte como meio para construção de conhecimento e novos saberes. Esse método aumenta a compreensão do indivíduo em relação às atividades humanas através dos meios artísticos, e se utiliza das artes para estudar os eventos educativos.

Uma das formas de investigação da PEBA é a *a/r/tografia*, método. A palavra *a/r/tografia* deriva da palavra *a/r/tography* sendo que

A/R/T é uma metáfora para: Artist (artista), Researcher (pesquisador), Teacher (professor) e graph (grafia: escrita/representação). Na *a/r/tografia* saber, fazer e realizar se fundem. Elas se fundem e se dispersam criando uma linguagem mestiça, híbrida. (DIAS, 2013, p. 25)

A *a/r/tografia* é uma metodologia que envolve as práticas do artista (músico, poeta, pintor, bailarino, etc), do professor, do aluno e do pesquisador. Irwin (2013) chama a *a/r/tografia* como uma prática viva onde esse processo permite transitar entre o que é, o que

sou, o que está, o que se sabe, o que se faz e o que se transforma. “A a/r/tografia é uma Pesquisa Viva, um encontro constituído através de compreensões, experiências e representações artísticas e textuais” (IRWIN, 2013, p. 28). A autora ainda continua dizendo que “é uma Pesquisa Viva porque se trata de estar atento à vida ao longo do tempo, relacionando o que pode não parecer estar relacionado, sabendo que sempre haverá ligações a serem exploradas”. (IRWIN, 2013, p. 29).

A a/r/tografia utiliza-se das práticas de artistas e educadores para a produção de conhecimento reconhecendo as percepções, as imagens, os sons, os movimentos, o corpo, as palavras, os quais produzem novos significados pessoais e coletivamente. Os a/r/tógrafos devem estar atentos em como suas intervenções afetam e modificam os outros e a si mesmos.

[...] o trabalho dos a/r/tógrafos é reflexivo, recursivo, refletivo e responsável. **Reflexivo**, ao repensar e rever o que aconteceu antes e o que pode advir; **recursivo** ao possibilitar que suas práticas espiralem por meio de uma evolução de ideias; **refletivo** ao questionar seus próprios preconceitos, suposições e crenças; **responsável** ao assumir o encargo de agir eticamente com seus participantes e colegas. (IRWIN, 2013, p. 30, grifos do autor)

Quando se pensa a dança no contexto escolar é repensar o corpo e suas relações com ele mesmo, com o outro e com o mundo, é ressignificar o seu estar, o seu fazer e o seu pensar. É por esse contexto que a presente pesquisa se aproxima muito da a/r/tografia, porque dança, educação e a/r/tografia são “uma maneira de ser e tornar-se no mundo” (IRWIN, 2013, p. 33).

A presente pesquisa teve como metodologia a PEBA: a/r/tografia, e na coleta de dados com os sujeitos utilizou-se de um diário narrativo com o objetivo de realizar registros na tentativa de reconhecer como ocorre a mediação cultural na escola através da dança.

A coleta de dados ocorreu em um período de dois meses totalizando 15 aulas de dança. Durante esse processo a professora desenvolveu conteúdos próprios da dança contemporânea como peso e ações corporais, deslocamentos, planos, direções e espaço pessoal. Esses conteúdos foram articulados com obras artísticas de Piet Mondrian e Henry Matisse, além de conhecimentos das disciplinas de Ciências e Matemática. E para finalizar, a professora fez uma apresentação de dança onde ela própria dançou para os alunos juntamente com mais dois bailarinos para despertar a apreciação pela dança.

Como foi utilizado um diário para os registros dos sujeitos, houve a necessidade, no primeiro encontro, de uma contextualização sobre o que é um diário. A professora trouxe como exemplo um livro intitulado “O diário de Nijinsky” (1985), organizado por Romola

Nijinsky, onde reúne anotações e relatos sobre a vida e obra do homem conhecido como um dos maiores bailarinos do século XX.

A contextualização sobre a vida e a obra desse famoso bailarino foi em função de haver um livro/diário publicado falando sobre a vida de uma pessoa que viveu da dança. A apresentação desse material serviu para instigar os alunos a narrarem às experiências vividas nas aulas, além de exemplificar possíveis meios de registros como escrito e visual em um diário.

Após essa contextualização cada aluna recebeu seu diário narrativo que consistiu em um caderno com capa e com folhas internas em branco, sem qualquer símbolo ou linhas, pois os relatos poderiam ser expressos em linguagem escrita ou visual. Na capa constava um número para identificação do sujeito caso necessário, ficando a critério do participante a identificação ou não com seu nome. Na primeira folha, constava texto informativo sobre o objetivo da pesquisa, o instrumento utilizado, o que e como os sujeitos/alunos deveriam fazer seus relatos.

Nos diários as educandas teriam a possibilidade de registrar as experiências e conhecimentos vivenciados nas aulas de dança. Em alguns momentos, durante a pesquisa, o pesquisador deu algumas direções para o registro das experiências, em forma de perguntas, e em outros deixou livre, porém o critério de registro era sempre escolhido pelo sujeito, sendo estes, podendo ser feitos nos lugares e momentos em que os colaboradores achassem viáveis.

A MEDICAÇÃO CULTURAL E A DANÇA

A arte tem a capacidade de provocar, questionar, experimentar, transformar e sensibilizar. Mas para potencializar essas experiências, dentro da escola, é necessário pensar nos processos de ensinar e aprender arte, é necessário construir um caminho que toque, afete, invada e provoque sensações e experiências que resultem em reflexões e mudanças.

A eficiência desses processos de ensino e aprendizagem da arte pode ser pensada a partir da questão de como ocorre à mediação cultural dentro da escola. Precisa-se refletir em como ela acontece, como é pensada, como é contextualizada, e como é utilizada para provocar e despertar a sensibilidade e o ser poético no aluno.

Se foi através da arte que muito ficou registrado da história da humanidade por meio de pinturas, esculturas, literatura, músicas, danças entre outros, por que ela, a arte, não pode ser sistematizada, pensada e construída como uma forma de conhecimento?

É importante pensar que o fazer e o apreciar arte contribui para o sujeito no desenvolvimento da sua criatividade, concentração, disciplina, fortalece sua autoestima, seu equilíbrio corporal e psicológico, sua percepção, além de suas relações intra e interpessoais, mas o mais importante, é que esse processo ressignificará toda sua relação e visão com/do mundo. São saberes e experiências que contribuirão para a sua formação pessoal e estética.

Cada linguagem artística que conhecemos – vivenciamos, fruímos, compreendemos – possibilita-nos outro olhar e formas diferentes de vivenciar o mundo. Uma vez articuladas pelo professor, as diferentes linguagens artísticas possibilitam aos estudantes diversas *leituras de mundo* imbricadas entre si e em movimentos dialógicos constantes entre pessoas, tempos e espaços. As diversas leituras de mundo via diferentes linguagens – não somente a verbal – possibilitam conhecer, reconhecer, ressignificar e, sobretudo, impregnar de sentidos a vida em sociedade. (MARQUES; BRAZIL, 2014, p. 30)

A arte e seu processo de ensino e aprendizagem não deveria estar restrita à cópias, desenhos, imagens, pinturas, linhas, texturas, biografias, declamações ou apresentações de teatro e dança, não poderia estar restrito somente ao conteúdo. A arte tem a capacidade de criar, inspirar, provocar, tocar, sensibilizar conceitos, interpretações, reflexões e dúvidas. A arte e suas diferentes linguagens, como visual, musical, teatro, dança, cinema entre outras, podem estar em constante movimento, transformação e conexão entre essas linguagens e com outras disciplinas da escola, além de fatos e acontecimentos, contextos sociais e culturais, ou seja, a arte deve conectar o “eu” com o mundo contemporâneo.

Ou seja, efetivamente inseridos no conhecimento e vivência das diferentes linguagens artísticas, podemos nos tornar seres mais amplos, mais profundos, mais complexos, mais múltiplos e, conseqüentemente, mais conscientes e compromissados. (MARQUES; BRAZIL, 2014, p. 31)

Cada linguagem artística tem sua especificidade técnica, mas se deter somente a técnica, a história e a reprodução é estar perdendo o de mais nobre que a arte tem para nos oferecer, que é o de sensibilizar pessoas para a sua relação com o mundo.

Há várias possibilidades de proporcionar o encontro da arte, enquanto objeto de conhecimento, com o aluno e com a escola. Porém, há a necessidade de um educador sensível capaz e disposto a ampliar e ressignificar conceitos, leituras e diálogos intra e interpessoal, diálogos com o mundo e com a cultura.

Entendemos que toda a potencialidade do ensino de Arte só se concretiza nas práticas pedagógicas se o professor de Arte acreditar que pode atuar como um articulador de transformações: suas, dos estudantes e, conseqüentemente, da

sociedade em que vivem; e que esse é – ou deveria ser – um dos focos principais do exercício da sua profissão docente e artística. (MARQUES; BRAZIL, 2014, p. 31)

O professor comprometido com o ensino e aprendizagem de arte é capaz de provocar, sensibilizar, ampliar e modificar conceitos e relações dos e entre os alunos. É preciso pensar em como promover e mediar esses encontros entre alunos e arte, e principalmente, em como contextualizar essas experiências trazendo-as para a realidade e para o contexto social dos educandos, provocando a reflexão, a crítica e o entendimento de forma clara e sensível. O docente precisa assumir o papel de um verdadeiro mediador entre a arte e o aluno.

Segundo o dicionário, mediação significa o ato ou efeito de mediar. É uma intervenção entre dois contextos que se relacionam e que conversam mediados e provocados por um sujeito, ou seja, o mediador.

Mediação é provocar encontros entre sujeito e arte, entre sujeitos, entre diferentes linguagens e sujeitos. É provocar o prazer estético a partir da junção do objeto de conhecimento com o aluno e seu contexto pessoal criando condições para que a experiência toque o educando e provoque reflexões e mudanças. Para Miriam Celeste Martins, coordenadora do grupo de pesquisa Mediação Arte/Cultura/Público,

Mediar é estar entre. Um estar, contudo, que não é passivo e nem fixo, mas ativo, flexível, propositivo. Um estar entre que não é entre dois, como uma ponte entre a obra e o leitor, entre aquele que produz e aquele que lê, entre o que sabe e o que não sabe. (MARTINS, 2005, p. 54)

Mediar é provocar o movimento, é ampliar as referências, instigar a reflexão do propositivo e do receptor, ou seja, do educador e do educando. “Para ser mediador é preciso cultivar uma postura reflexiva e provocadora, capaz de planejar jogos estéticos, ativar descobertas e despertar o interesse de olhar mais além. Um olhar pesquisador sobre si, o outro, sua prática e seu contexto cultural”. (MARTINS, 2005, p. 52).

A mediação cultural entra na escola como um processo intencional para promover o encontro da arte com o aluno por meio do mediador. Nesse caso, o professor assume o papel de mediador, o qual irá proporcionar o acesso do aluno à arte. Este deve ter a capacidade de instigar o olhar do educando para o caminho estético.

O professor mediador precisa provocar o aluno, trazer um conhecimento para ser ampliado e transformado, ter o olhar atento para as particularidades de cada educando, instigar descobertas a partir do repertório pessoal de cada um, do que eles trazem para a sala de aula. A partir da dúvida pode despertar o interesse pelo novo, instigar para a exploração,

para a pesquisa em busca de um novo saber ou a reconstrução de um saber que será estendido para o dia a dia do aluno.

As experiências constroem identidade, opinião em relação às coisas, só sendo possível ao educador provocar situações onde seus aprendizes possam ter a possibilidade e a oportunidade de encontrar coisas ainda não vivenciadas e talvez neste encontro aconteça experiências significativas que provoquem transformações. (MARTINS, 2005, p. 50)

Cabe nesse momento falar sobre um processo de ensino e aprendizagem que foi realizado na presente pesquisa onde o objetivo da aula era desenvolver a percepção e conscientização corporal a partir de linhas retas estudadas no corpo do aluno. A professora trouxe como meio para o desenvolvimento da proposta uma obra do artista Piet Mondrian onde foi feita a releitura dessa obra através do corpo.

No início da aula foi contextualizado sobre a vida e obra do autor, para na sequência ser explorado o corpo a partir de uma obra selecionada. O processo se deu pela exploração do corpo em linhas retas com trabalhos individuais, em dupla e em grupo. E ao final, com a observação da obra foi feita a criação de uma figura com a turma toda e esta foi comparada com a obra.

Na análise do material coletado, buscando responder a pergunta de como ocorre o processo de aprendizagem, doze dos quatorze sujeitos registraram em seus diários sobre o processo entre a obra, o corpo e o movimento, que o processo aconteceu a partir da leitura de uma obra de arte. Esses dados mostram que 85,7% tiveram a percepção de fazer a ligação entre a obra, a dança e o conteúdo.

A mediação provocada pelo professor fez a aproximação da arte da dança com outro tipo de arte. O mesmo conteúdo poderia ser desenvolvido sem a aproximação com outra arte, porém com essa proposta a aula prioriza o saber sensível, traz a arte como fonte de conhecimento fazendo a ligação com a linguagem corporal e intelectual. Trazer conhecimentos que podem ser vinculados com outras informações já conhecidas torna a aula mais prazerosa, interessante e enriquecedora para o educando. Darras (2009) diz que a mediação acontece no cruzamento de várias informações.

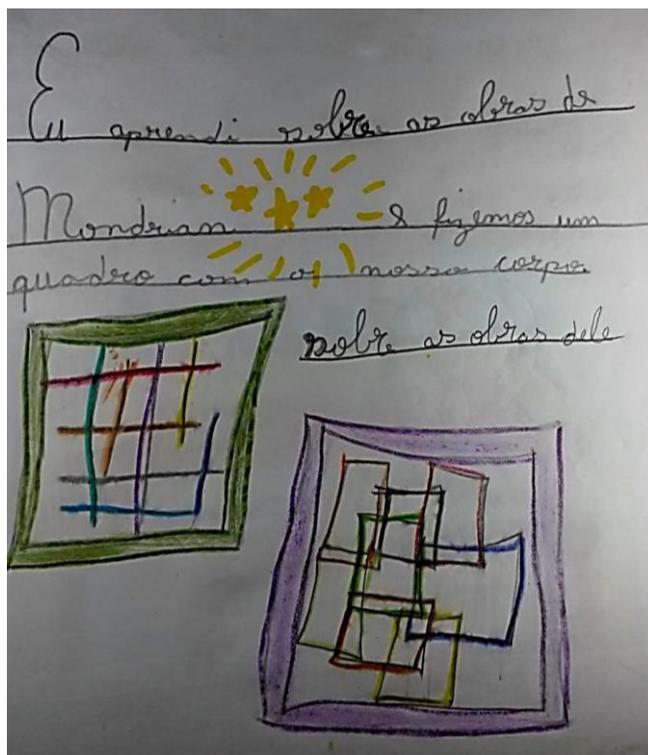


Figura 1: Página do diário do sujeito A3.
Fonte: Dados da pesquisa

Ainda nessa contextualização sobre o trabalho de Piet Mondrian articulado com a pesquisa de linhas retas no corpo percebe-se que os sujeitos tomam consciência do trabalho corporal desenvolvido, como mostra a figura 2.

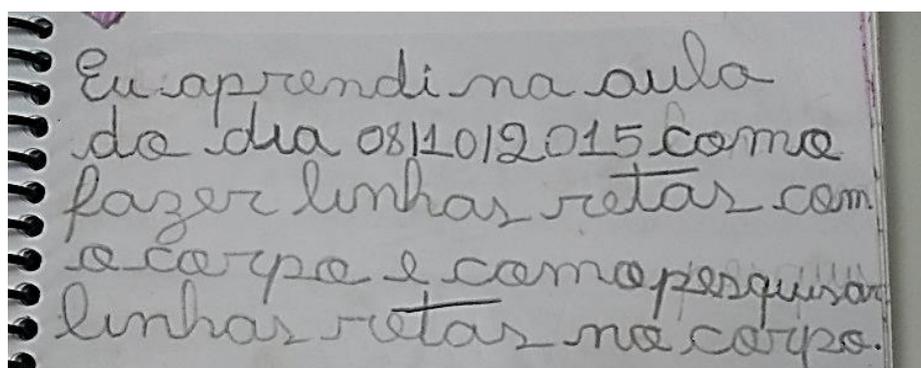


Figura 2: Recorte da página do diário do sujeito A8.
Fonte: Dados da pesquisa

A mediação cultural deve possibilitar esses encontros, essas experiências significativas que provocam transformações e mudanças. Deve ser uma ponte ativa, flexível e propositora capaz de provocar reflexões para se chegar a novos conceitos, novos significados e novas relações.

Darras (2009) quando escreve sobre mediação afirma que ela surge no “cruzamento de quatro entidades: o objeto cultural mediado; as representações, crenças e conhecimentos do destinatário da mediação; as representações, crenças, conhecimentos e *expertises* do mediador e o mundo cultural de referência” (DARRAS, 2009, p. 37). Como objeto cultural podemos citar museus, teatro, música, literatura, desenho, dança entre outros; as representações do destinatário e do mediador são os seus repertórios pessoais de conhecimento e experiências; e o mundo cultural de referência é o meio no qual o indivíduo vive, ou seja, o meio no qual ele adquire padrões de relações pessoais, sociais e culturais.

No caso da dança, a mediação surge a partir do objeto cultural que é a própria dança, com a intersecção do professor que traz suas representações, crenças e conhecimentos, a escola e os alunos com suas representações sociais, culturais e intelectuais que direcionam o sentido da prática individual, e o mundo cultural de referência de todos os sujeitos e entidades envolvidas. É importante lembrar que o aluno traz consigo os padrões de relacionamentos, entendimentos e visões de mundo de seus pais, da sua família que está inserida em um meio social. Acredita-se que a construção de uma nova interpretação a partir de uma experiência mediada através da dança se dá por meio da interação de várias referências contextuais que, ao final, se complementam.

A partir desse contexto criamos uma figura mostrando uma possibilidade da mediação tendo como objeto cultural a dança.

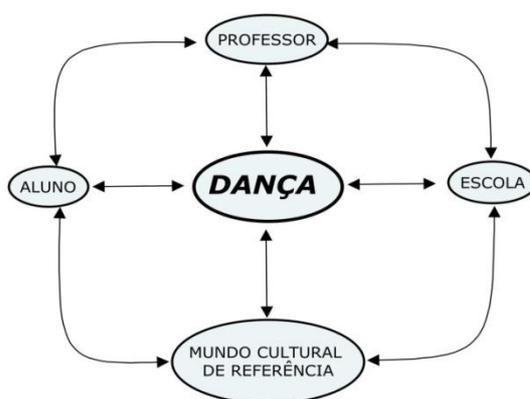


Figura 3: Diagrama da mediação através da dança
Fonte: Elaborado pelas autoras para fins de pesquisa.

Não há uma verdade absoluta. Há diferentes interpretações das realidades que surgem da combinação da informação exposta pelo professor com o entendimento, envolvimento e exploração do aluno com a proposta, e com o que cada um traz em seu repertório particular

que é formado pelo meio em que vive. Cabe ao professor mediador buscar no aluno a melhor forma de fazê-lo sair de sua zona de conforto, fazendo-o explorar e pesquisar de forma diferente do habitual, provocando-o e instigando-o para produzir relações entre o contexto do aluno com o da sala de aula e a arte em questão, é isso que irá enriquecer o contexto da aula e dará significado à apropriação do conhecimento. Segundo Coutinho (2009, p. 176) “a mediação pode potencializar esse processo de interpretação, seja no momento da ampliação, quando o mediador alimenta o leitor com novas informações, seja na articulação dessas informações, quando o mediador instiga o leitor com questões que provocam reações”.

O professor mediador, no caso o professor de dança, tem a tarefa de ampliar e conscientizar as diferentes possibilidades de movimento e relações com o outro, seja este pessoa, objeto, natureza, sociedade entre outros, fazendo despertar o ser sensível, a sensibilidade que muda o ser e suas relações.

Essas associações são potencializadas, principalmente, quando relacionadas com o meio, com a realidade e o dia a dia do aluno. Fazendo a análise dos dados coletados e tentando descobrir se houve essa relação na presente pesquisa durante o processo de aprendizagem identificou-se que dez sujeitos/alunos, ou seja, 71,4%, fazem essa relação da dança com sua vida. A maioria relatou que os novos conhecimentos e movimentos percebidos e despertados tem a ver com os movimentos do seu dia a dia.

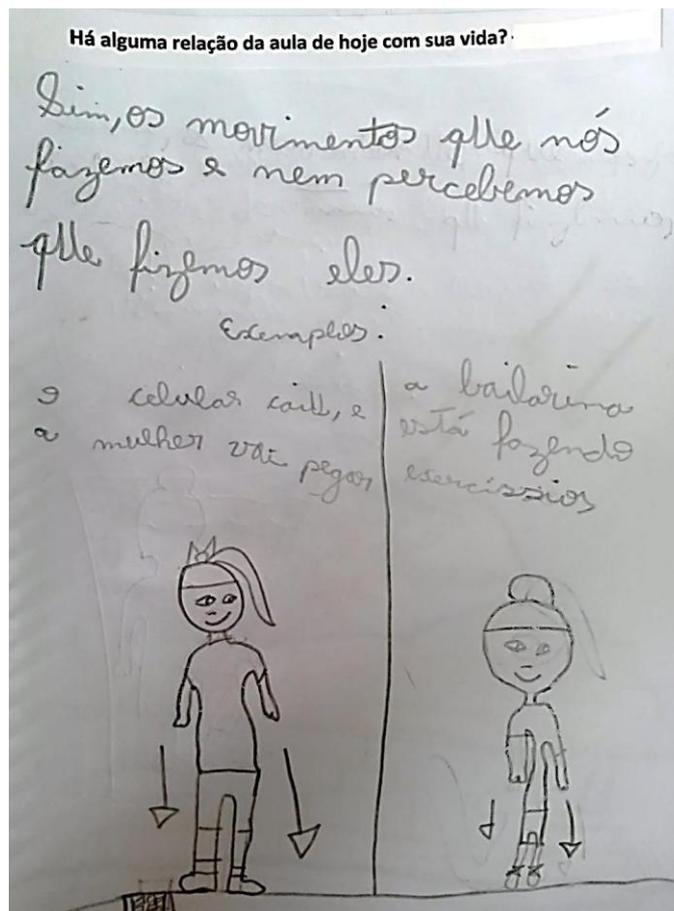


Figura 4: Página do diário do sujeito A3.
Fonte: Dados da pesquisa

Na figura 6 o sujeito fez a comparação de uma pessoa que precisa se abaixar para pegar o celular que caiu com o movimento de uma bailarina que também se abaixa para dançar. São movimentos semelhantes, porém em contextos diferentes, e que antes não eram percebidos e comparados dessa forma pelos sujeitos.

Darras (2014, p. 37), em seu texto “*Semiótica dos signos visuais e do design da informação*”, chama de abordagem poética a combinação das “abordagens semióticas já expostas com uma abordagem das influências exercidas durante o processo de criação, de concepção e de realização dos novos signos”. Ele mostra que a produção de um novo signo surge da combinação de múltiplas influências, ou seja, da intersecção de signos já padronizados como crenças e hábitos, com as tendências ambientais, estéticas, técnicas e artísticas que modelam certos padrões, e com novas produções, interpretações, explorações e descobertas.

Dentro desse contexto, a produção de um novo signo a partir da linguagem artística dança surge com a exploração das possibilidades do corpo, a qual traz novas concepções de

corpo, movimento e relações sociais, culturais e intelectuais. A figura a seguir mostra como ocorre o processo semiótico envolvido na produção de um novo signo a partir da exploração da dança.



Figura 5: Diagrama do processo semiótico na produção de um novo signo a partir da dança
Fonte: Elaborado pelas autoras para fins de pesquisa.

Podemos pensar esse processo como uma contínua metamorfose onde todo sujeito situado em um contexto de relações sociais e culturais, ao qual Darras (2013) chama de “meio ambiente”, possui seu “mundo-próprio” que segundo o autor é a configuração das relações e ações significantes entre sujeitos; e onde cada sujeito possui signos padrão como os hábitos, crenças, signos padronizados, tendências ambientais, estéticas, técnicas, artísticas e ideológicas que modelam padrões de comportamento. Esse sujeito em contato com a dança descobrirá novas possibilidades de movimento do corpo explorando e pesquisando o movimento, a percepção, a conscientização corporal, e a sua relação com outros sujeitos, objetos e outras linguagens, no que resultará em uma nova concepção de corpo e, conseqüentemente, surgirão novos signos e uma nova relação com o mundo, com a arte, com as pessoas, objetos, sociedade, natureza etc.

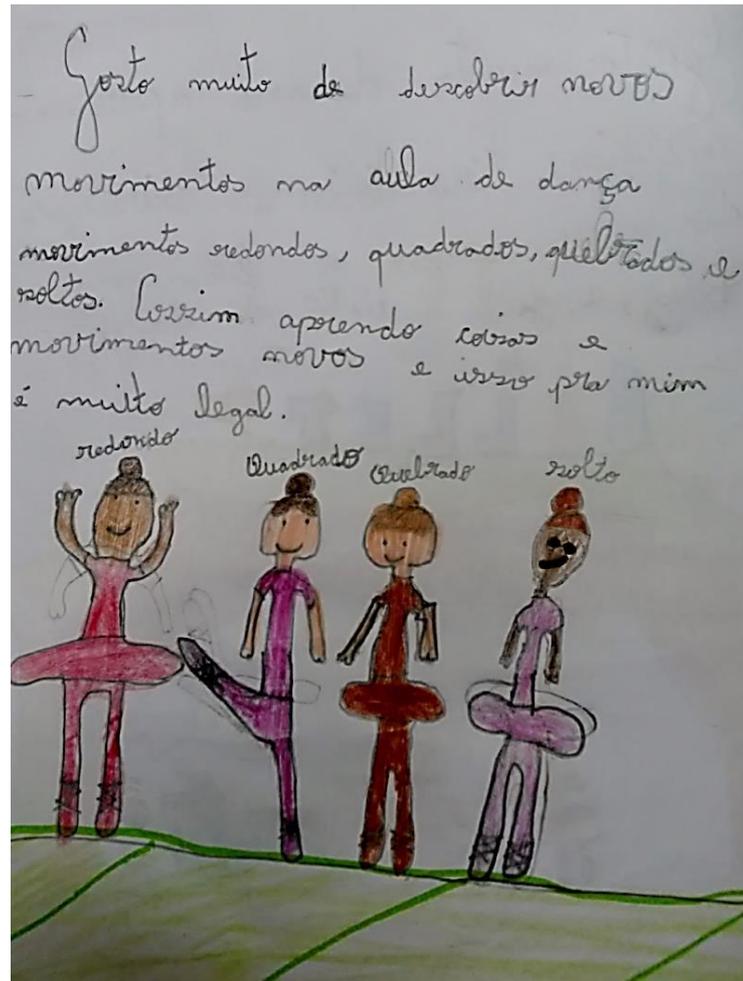


Figura 6: Página do diário do sujeito A3.
Fonte: Dados da pesquisa

A imagem acima mostra que o sujeito A3 indica novos padrões de movimentos. Esses movimentos, provavelmente, já eram executados anteriormente pelo sujeito, porém não de forma consciente. E ao tornar certos movimentos conscientes ao seu corpo ele muda seu padrão de corpo e de percepção, surgindo e transformando novos signos.

Esses novos signos que surgiram se tornarão signos padrão e o processo se reinicia, é uma incessante transformação e ressignificação dos signos. Para Darras (2013, p. 55) “toda ação gera uma relação e, fatalmente, uma reação. É raro que uma ação não modifique, mesmo que somente um pouco, o mundo-próprio e o meio ambiente nos quais ela atua”.

Ao fazer o levantamento dos dados coletados e ao tentar identificar o que os alunos mais gostavam na aula de dança, identificou-se que 57,1%, ou seja, oito dos quatorze sujeitos/alunos gostam de aprender novos movimentos. Entende-se nesses relatos que o aprender ou descobrir novos movimentos está relacionado com descobrir novas possibilidades de movimentar-se, de entender seu corpo e se relacionar com outros corpos, objetos e meios, ou seja, sair de seu padrão habitual de movimento para um novo padrão.

Darras (2013) mostra o estado de metabolismo interno de um sujeito seguindo o modelo de Charles Peirce, o qual aparece como um movimento circular passando pelo *hábito* e *hábito de ação*, onde estão as ações pragmáticas, crenças, o automatismo, a *dúvida*, na qual surge a resistência, inibição da ação e a crise, a *investigação* que passa pela pesquisa e exploração da ação em busca de uma solução, e finalmente, a *mudança* e a *aprendizagem* onde surgirá um novo hábito e um novo signo. Esse ciclo mostra a ressignificação constante dos signos, dos conceitos, das interpretações e das relações que surgem a partir das experiências culturais e sociais. Daí a importância do cuidado do “eu” e do outro, do corpo e suas relações, do cuidado que a escola e principalmente o educador deve ter ao formar um corpo que pensa, sente, se comunica e se relaciona.

Valerie Preston-Dunlop (2002 in MARQUES, 2012, p. 26) diz que a dança é a relação de seus signos, ou seja, a relação do corpo, do movimento, espaço e som. MARQUES (2012) reorganiza esses signos em três grupos: *o intérprete* (quem dança) com sua relação dele com ele mesmo, com os outros e suas intenções; *o movimento* (o que se dança) com suas conexões; e *o espaço cênico* (onde se dança) na relação do corpo com seu espaço pessoal e com o espaço em geral.

A articulação dos signos da dança, apontados por Marques (2012), e do próprio corpo, como mostra Darras (2013), possibilita uma ressignificação do corpo e suas relações dele com ele mesmo, com o outro, com o espaço e com o mundo. O corpo com seus hábitos, movimentos e padrões de relações sociais, ideológicas, ambientais, estéticas entre outros, é afetado e transformado em contato com os signos da dança. Esse seria o trabalho da dança enquanto arte, possibilitar a ressignificação de relações, movimentos, entendimentos e aprendizagens.

É através da articulação da dança com seus signos, com os conhecimentos trazidos pelo professor e com o contexto do aluno que deve nortear a mediação cultural através da dança. Pensar a dança como movimento consciente que se relaciona com o “eu”, com outros sujeitos, com o espaço, com objetos e conceitos, que transforma pensamentos, que instiga reflexões, que refina percepções corporais, é pensar a dança como arte, é trabalhar a dança como forma de conhecimento.

Quanto maior o repertório pessoal mais clareza e articulação terá o corpo para expressar sua poética. A exploração, criação e conscientização de novos movimentos irão ampliar o repertório corporal do indivíduo, conseqüentemente sua linguagem não verbal. Sua forma de se expressar e perceber o mundo estão diretamente relacionados com a percepção poética do corpo.

Precisamos pensar a mediação de forma a ampliar, no educando, suas habilidades perceptiva, cognitiva, estética e motora, no caso da dança, a ponto de sensibilizar o corpo e a mente para as relações sociais, culturais e intelectuais.

O desafio da mediação cultural não é só provocar o olhar cognitivo do fruidor como também conscientizá-lo de todas as nuances presentes na obra ou em sua relação com ela. Acima de tudo, é promover um contato que deixe canais abertos para os sentidos, sensações e sentimentos despertados, para a imaginação e a percepção, pois a linguagem da arte fala e é lida por sua própria língua. (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 2010, p. 70)

Por esse motivo, a aula de dança na escola não deveria estar focada na repetição de movimentos criados pelo professor ou na execução de coreografias criadas pela mídia. A cópia de movimentos não toca o aluno, não se torna uma experiência significativa, no máximo irá trabalhar a coordenação motora, para a qual já tem uma disciplina para desenvolver essa habilidade, ou seja, a educação física. A dança pode focar na exploração e investigação de movimentos que expressem o entendimento, a conscientização e a percepção do ser poético de cada aluno.

Não descartamos as apresentações de dança na escola, porém esse não deve ser o único objetivo das aulas de dança. A criação de coreografias deve partir desse estudo corporal, da exploração, investigação pessoal de cada aluno, para juntos, alunos e professor, produzirem um trabalho coreográfico. Somente assim, o trabalho de composição coreográfica torna-se uma experiência significativa e que irá repercutir na vida do educando.

Na presente pesquisa ao tentar identificar o que os sujeitos/alunos mais gostam na aula de dança verificou-se que 92,8% dos sujeitos gostam de fazer apresentação de dança, e 50% gostam do processo de criação e montagem da coreografia. Esses dados mostram que é importante para os alunos o trabalho coreográfico e sua apresentação, que esse é um momento esperado por eles nas aulas de dança. Portanto, a coreografia não pode ser esquecida, mas pode ser pensada de forma diferente, de forma a contribuir para a formação do aluno.

Ao questionar os sujeitos com a questão: “Você gosta de participar de uma apresentação de dança?”, surgiram relatos como:

“Sim, porque a dança é um prazer e quando a gente gosta de dançar a gente fica feliz”. (RELATO NO DIÁRIO DO SUJEITO A2)

“Gosto muito de me apresentar, assim tiro todas as tristezas do meu corpo e fico mais feliz, e gosto muito da dança”. (RELATO NO DIÁRIO DO SUJEITO A3)

“Sim, porque gosto de mostrar para as pessoas o que sei fazer”. (RELATO NO DIÁRIO DO SUJEITO A6)

Esses relatos demonstram o quanto é importante esse processo de criação e apresentação da dança. Os dados mostram que os sujeitos, citados acima, gostam de dançar porque sentem prazer, porque tornam sua vida mais feliz e porque gostam de mostrar que sabem dançar.

Ainda nesse contexto da coreografia, ao levantar os dados de como ocorre o processo de aprendizagem, verificou-se que 42,8%, ou seja, seis dos quatorze sujeitos alunos apontam a coreografia como um processo de aprendizagem. Quando esses sujeitos falam sobre o trabalho coreográfico eles se referem em um processo que foi desenvolvido anteriormente ao período de coleta de dados, porém foi um trabalho apresentado durante todo o ano em questão. Esse foi um processo de criação, desenvolvido pela professora juntamente com os alunos, a partir do estudo dos movimentos dos animais. Esses dados também apareceram ao questionar se a aula de dança fazia relação com alguma outra disciplina, quando um sujeito fez a relação com a disciplina de ciências em função desse processo de ensino. Esse é um exemplo de processo de criação de coreografia desenvolvido em um meio escolar, porém que foi trabalhado a partir dos estudos e criação dos alunos com a mediação da professora de dança.

O educador deve proporcionar aproximações entre sujeito e arte e entre sujeitos, entre o sujeito e a sociedade a qual ele está inserido, seu foco deve ser o de produzir novos sentidos, ampliar conceitos, construir diálogos ampliando a rede de significação do educando.

CONSIDERAÇÕES

A presente pesquisa procurou refletir sobre mediação cultural, dança e ensino formal. Buscou levantar questões acerca do ensino da dança na educação básica e como pode ocorrer a mediação cultural entre esses dois contextos. De antemão podemos dizer que não existe uma regra, ou um único caminho, mas existe intenções, reflexões, olhares atentos, provocações e percepções que podem trilhar vários caminhos.

Esses caminhos são mediados pelo movimento. Movimento do professor e movimento dos alunos interceptados pela dança, pela escola e pelo meio ao qual eles estão inseridos. Pode-se dizer que a comunicação, ou a troca de informações entre esse conjunto de fatores é o que irá gerar o conhecimento de forma mais consciente e sensível.

Na busca em saber como ocorre a mediação cultural por meio da dança em uma escola de ensino básico, a pesquisa teve como sujeitos alunas que frequentam a aula de dança dentro

de um contexto de ensino regular para identificar como elas percebem a mediação cultural no processo de formação estética e artística nas aulas de dança.

Na busca de identificar como ocorre o processo de aprendizagem da dança verificou-se que 85% dos sujeitos alunos afirmaram que o processo de ensino da dança faz relação com a arte ou outra disciplina, sendo elas, matemática, educação física, geografia, ciências, português e música. Já 71% desses sujeitos relacionaram esse processo com a sua vida fazendo a relação e a comparação com os movimentos realizados no seu dia a dia, e com o aprendizado de novos movimentos apontados por 64% dos sujeitos. Além disso, 50% percebem o aprendizado por meio do corpo; 35% apontaram que o aprendizado também se dá por meio da criação e apresentação de uma coreografia, sendo esses 42%; e 35% apontam a apreciação de uma apresentação de dança também como um processo de aprendizagem.

Na tentativa de identificar o que os sujeitos/alunos mais gostam na aula de dança verificou-se que 92% dos sujeitos gostam do momento da apresentação de dança, e 50% gostam do processo de criação da coreografia. Já 85% apontaram que amam a dança porque acham legal e divertido. Além disso, 57% gostam de aprender novos movimentos, e os mesmos dados apareceram para os que descreveram que gostam da professora. E por fim, 35% dizem que gostam de dançar com as amigas.

Essa análise demonstra que o processo de aprendizagem, ou podemos dizer, a mediação entre professor e aluno acontece por meio da relação da dança com a vida do aluno e outras artes ou disciplinas. Essa mediação também acontece por meio do corpo através da exploração e descobrimento de novos movimentos. Além disso, a análise também demonstrou que a mediação acontece por meio da apreciação, criação e apresentação de uma coreografia, e este foi identificado como um fator importante nesse processo já que apareceu como o item que os sujeitos mais gostam na aula de dança.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Rejane Galvão. Estratégias de mediação e a abordagem triangular. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (Orgs.). **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 171-185.

DARRAS, Bernard. As várias concepções da cultura e seus efeitos sobre os processos de mediação cultural. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (Orgs.). **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 23-52.

_____. Semiótica dos signos visuais e do design da informação. **Líbero**. São Paulo, v. 17, n. 34, p. 31-42, jul.-dez. 2014.

_____. Modelização geral das relações humanas com os artefatos: estudo semiótico e sistêmico das interações. **Líbero**. São Paulo, v. 16, n. 31, p. 51-68, jan.-jun. 2013.

DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (org.). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Interações: crianças, dança e escola**. São Paulo: Blucher, 2012.

MARQUES, Isabel; BRAZIL, Fábio. **Arte em questões**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2014.

MARTINS, Miriam Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Teoria e prática do ensino da arte**. São Paulo: FTD, 2010.

MARTINS, Mirian Celeste (org.). **Mediação: provocações estéticas**. São Paulo, v. 1, outubro 2005.